



GÊNERO: PERSPECTIVAS AFRICANAS E LATINO-AMEFRICANAS
GÉNERO: PERSPECTIVAS AFRICANAS Y LATINO-AMEFRICANAS
GENDER: AFRICAN AND LATIN-AMEFRICANAS PERSPECTIVES

Renata Coutinho Ferreira¹

RESUMO

Pretendo, neste breve artigo, tecer um panorama entre as teorias feministas africanas e as teorias amefricanas. Buscando a possibilidade de observação entre os respectivos estudos, visando compreender a importância que cada teoria tem a partir dos locais de onde se desenvolve. Para isto analisei algumas obras de Lélia Gonzalez e expus um panorama mais geral de três teóricas do feminismo em África, sendo elas: Fatou Sow, Manthiba Phalane e Oyèrónké Oyewùmi. Algumas aproximações entre as teorias ficam evidentes, como a interseccionalidade de opressões.

PALAVRAS-CHAVE: teoria feminista. Feminismo africano. Feminismo latino-amefricano.

RESUMEN

Pretendo, en este breve artículo, tejer un panorama entre las teorías feministas africanas y las teorías amefricanas. Buscando la posibilidad de observación entre los respectivos estudios, intentando entender la relevancia que cada teoría tiene a partir de los lugares de donde se desarrolla. Por eso, analicé algunas obras de Lélia González y expuse un panorama más general de tres teóricas del feminismo en África, siendo ellas: Fatou Sow, Manthiba Phalane y Oyèrónké Oyewùmi. Algunas aproximaciones entre las teorías quedan evidentes, como la interseccionalidad de opresiones.

PALABRAS-CLAVE: teoría feminista. Feminismo africano. Feminismo latino-amefricano.

ABSTRACT

I intend, in this brief article, to weave a panorama between African feminist theories and the Amefrican theories. Seeking the possibility of observation between the respective studies, aiming to understand the relevance that each theory has from the places where it develops. To do so, I analyzed a few works by Lélia Gonzalez and presented a more general panorama of three theorists of feminism in Africa: Fatou Sow, Manthiba Phalane and Oyèrónké Oyewùmi. Some approximations between the theories are explicit, such as the intersectionality of oppressions.

KEYWORDS: feminist theory. African feminism. Latin-amefrican feminism.

¹ Licenciada em História na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Introdução

Podemos observar um avanço de diferentes vertentes de feminismo que estão muito presentes nas mídias digitais² e nas redes sociais. Tal fato é conhecido como a quarta onda do feminismo, tendo seu início a partir de 2012. Talvez por isso, um aumento substancial de pesquisas e abordagens teórico-metodológicas têm surgido. Aqui refiro-me aos estudos Pós-Coloniais, Subalternos e Decoloniais, que eclodem em quantidade a partir dos anos 1970, através de teorias³ que utilizam as subjetividades plurais, em locais que suas culturas foram colonizadas. Algumas dessas pesquisas são mais recentes, outras mais antigas, e as traduções também atravessam por esse campo epistemológico feminista. Sendo assim, a produção de conhecimento feminista, desde o período histórico conhecido como pós-colonial, se diversifica e amplia.

Considerando essas questões, é necessário pensar para além de noções unicamente euro-americanas de gênero e feminismo. Como se os paradigmas que tais vertentes euro-americanas expõem fossem universais, únicos e inquestionáveis. Considerando realidades diferentes das euro-estadunidenses, proponho um olhar, um introdutório, sobre algumas teóricas africanas e seus trabalhos sobre gênero. E também analisar alguns trechos de obras da intelectual afro-brasileira Lélia Gonzalez, de extrema relevância para o pensamento feminista amefricano e brasileiro. Demonstrando diferentes formas de pensar gênero e feminismo em contextos divergentes do eixo hegemônico “universal” euro-estadunidense.

A série de pensamentos feministas Africanos

Desvelarei aqui perspectivas mais gerais sobre algumas das teorias feministas existentes em África. Minha visão dá-se a partir do CODESRIA⁴, localizado na capital do Senegal, Dakar. Através do trabalho de Michelle Cirne, que apresenta um panorama geral das obras de três intelectuais africanas, sendo elas: Fatou Sow, Manthiba Phalane e Oyèrónké Oyewùmi. Que “buscam produzir análises voltadas às realidades africanas

² É possível observar tal avanço, de forma ampla e global, através de blogs, páginas nas redes sociais. No Brasil podemos notar que programas de TV abordam cada vez mais as discussões a cerca de feminismos plurais, e suas ações na prática.

³ Diversos locais discutem suas próprias noções de feminismo, gênero, raça, classe e sexualidade. Pensando em soluções para prerrogativas estruturais de construções socioculturais. Destacando neste artigo perspectivas pós-coloniais e decoloniais.

⁴ Informações retiradas da página do CODESRIA no Facebook: https://www.facebook.com/pg/CODESRIA-181817969495/about/?ref=page_internal. O site do CODESRIA não estava disponível.

e que considerem os fenômenos do colonialismo e do racismo, ausentes no feminismo branco ocidental.”⁵.

Através do texto de Manthiba Phalane⁶, que Cirne utiliza expondo as principais ideias. Portanto, Phalane através de seu estudo demonstra algumas identidades sociais e políticas que limitam o reconhecimento das mulheres africanas. Isto é, segundo o próprio exemplo da autora, o estereótipo utilizado nos textos dos Estados africanos é o da mulher humilde, permanentemente pobre, na maioria dos casos grávida e sem poder. A realidade sobre o trabalho das mulheres não é reconhecida nas estatísticas da economia mundial, segundo Phalane.

[...] a integração dos conceitos de gênero e desenvolvimento nem sempre é bem compreendida pelos agentes políticos, e o que é necessário é a compreensão da heterogeneidade das mulheres, para quem as demais variáveis de identidade, como a idade, etnia, classe, religião, interagem e interferem nas suas realidades. (CIRNE. 2017, p. 109.).

A perspectiva de gênero de Phalane dá-se, segundo o trabalho de Cirne, a partir da análise do contexto de representação política das mulheres africanas, e a ausência da discussão em torno de questões de desigualdade de gênero é o que aparecem. Para Phalane a falta de discussão sobre o desenvolvimentismo também prejudica nesse contexto. Sendo assim “[...] para Phalane, as discussões sobre gênero e desenvolvimento tornaram-se “a-históricas, apolíticas e descontextualizadas”, mantendo assim intactas as relações de poder desiguais.”⁷.

Outra intelectual africana trazida no texto é Fatou Sow, socióloga participante ativa do CODESRIA e representante das discussões sobre gênero dentro do Conselho. A autora possui um artigo⁸ denunciando que mulheres africanas intelectuais são consideradas aceitas entre os “iniciados”, se as mesmas conformarem-se com o discurso dominante. Porém, se ela trazer em seu trabalho problemáticas que envolvam gênero, diversas críticas serão alvejadas contra ela, como por exemplo, “falta de rigor científico

⁵ CIRNE. 2017, p. 105.

⁶ PHALANE, M. Localizar o gênero no discurso do desenvolvimento. In: HOUNTONDI, P. (Org.). *O Antigo e o Moderno. A produção do saber na África contemporânea*. Luanda: Edições Mulemba; Mangualde: Edições Pedagogo, 2012.

⁷ CIRNE, 2017, p. 109.

⁸ SOW, F. The social sciences in Africa and Gender Analysis. In: Iman, A.; Mama, A.; Sow, F. (eds.). *Engendering African Social Sciences*. Dakar: CODESRIA Book Series, 1997.

e objetividade, até a avaliação de que está contribuindo para perpetuar as percepções racistas ocidentais.”⁹.

A socióloga afirma que é imperativo discuti-los nas salas de aula e nos debates políticos, a fim de possibilitar a construção de um outro tipo de desenvolvimento. Sow ressalta que introduzir a análise de gênero nas ciências sociais não é somente estudar mulheres como um grupo separado, mas sim questionar simultaneamente os papéis e o status de homens e mulheres na estratificação social. (CIRNE. 2017, p. 110.).

Sow revela que os planos de desenvolvimento continuam definindo as mulheres africanas como donas-de-casa, sendo seu trabalho sempre o doméstico, mantendo assim o estereótipo de que apenas os homens são os que provêm à família. Com isso, “forma-se uma realidade constituída que podemos chamar de *feminização da pobreza*, pois as mulheres representam a maioria da população mundial pobre, em razão de seu trabalho ser geralmente não remunerado, subestimado ou mal pago.”¹⁰ Sow acredita em reconhecimento das desigualdades de gênero e que a partir disso haja transformações, e que graças a este reconhecimento é possível que uma renovação de debates em diversas áreas.

A terceira perspectiva abordada é a de Oyèrónkè Oyewùmi, socióloga nigeriana e professora na Stony Brook University em Nova Iorque. Oyewùmi desde o início de seu texto contextualiza a modernidade ocidental euro-estadunidense e os campos de conhecimento, e suas epistemologias hegemônicas e universalizantes. “Um dos efeitos desse eurocentrismo é a racialização do conhecimento [...] o privilégio do gênero masculino como uma parte essencial do *ethos* europeu está consagrado na cultura da modernidade.”¹¹ No artigo a autora pretende questionar gênero e conceitos aliados com base nas epistemologias e experiências culturais africanas, com foco em analisar o sistema de família nuclear.

Porque gênero é socialmente construído, a categoria social “mulher” não é universal, e outras formas de opressão e igualdade estão presentes na sociedade, questões adicionadas devem ser feitas: Por que gênero? Em que medida uma análise de gênero revela ou oculta outras formas de opressão? As situações de quais mulheres são bem teorizadas pelos estudos feministas? E de que grupos de mulheres

⁹ CIRNE, 2017, p. 110.

¹⁰ CIRNE. 2017, p. 111.

¹¹ OYEWÙMI. 2004, p. 1.

em particular? Até que ponto isso facilita os desejos das mulheres, e seu desejo de entender-se mais claramente? (OYEWÙMI. 2004, p. 3.).

Tais apontamentos permeiam a análise da autora durante seu texto, assim como a noção de que para as estudiosas afro-americanas¹² existe a necessidade em conceber gênero, raça e classe em uma linha tênue de perspectivas sociais. Oyewùmi busca articular uma crítica perante teorias de gênero ocidentais já consagradas através do feminismo branco, para explicar seu ponto de vista a autora sugere que os conceitos feministas estariam enraizados sobre a família nuclear. A autora coloca tal situação como algo normativo e condicionante às sociedades ocidentais. Pude relacionar o fato da centralidade de um casal com fatores como a normativa monogâmica e heterossexual, que também permeiam as sociedades ocidentais¹³ modernas. Oyewùmi representa muito bem sua ideia ao colocar que:

A mulher no centro da teoria feminista, a esposa, nunca fica fora do domicílio. Como um caracol, ela carrega a casa em torno de si mesma. O problema não é que a conceituação feminista comece com a família, mas que ela nunca transcenda os estreitos limites da família nuclear. (OYEWÙMI. 2004, p. 5.).

A maternidade também é inserida nessa análise, para a autora “a maternidade, que em muitas outras sociedades constitui a identidade dominante das mulheres, está subsumida a ser esposa.”¹⁴ Pois, a maternidade é concebida como algo que parte de uma relação de descendência, e não de uma relação sexual e sócio-cultural com um homem. Em comparação com esse modelo que, para Oyewùmi, estrutura os pensamentos feministas, a autora apresenta sua pesquisa sobre a sociedade Iorubá do sudoeste da Nigéria, em que observou uma forma diferente de organização familiar. Isto é, a família tradicional Iorubá não é generificada, os papéis de parentesco e as categorias não são entendidos por diferenças de gênero. E sim a partir da antiguidade, baseada na idade cronológica, para a autora.¹⁵ Provando que: “Análises e interpretação de África devem começar a partir de África. Significados e interpretações devem derivar da

¹² Aqui é possível pensar em Patricia Hill-Collins, Kimberlé Crenshaw, Angela Davis, bell hooks, etc.

¹³ “Metodologicamente, a unidade de análise é o lar da família, o que, teoricamente, então, reduz a mulher à esposa. Porque raça e classe não são normalmente variáveis na família, faz sentido que o feminismo branco, que está preso na família, não veja raça e classe.” (OYEWÙMI. 2004, p. 5)

¹⁴ OYEWÙMI. 2004, p. 5.

¹⁵ “O princípio da antiguidade é dinâmico e fluido; ao contrário do gênero, não é rígido ou estático.”. OYEWÙMI. 2004, p. 6.

organização social e das relações sociais, prestando muita atenção aos contextos culturais e locais específicos.”¹⁶

O pensamento feminista Amefricano de Lélia Gonzalez

Buscando a entender como as teorias amefricanas estruturam-se, separei alguns trabalhos da intelectual afro-brasileira Lélia Gonzalez¹⁷. Possibilitando assim, esboçar análises e tecer inter-relações entre o feminismo africano e o feminismo amefricano. Lélia Gonzalez pautava a importância de entender que a cultura brasileira é negra, em sua maior parte. Trabalha também com a ideia de branqueamento¹⁸, como a mais eficaz expressão ideológica do racismo na América Latina. Lélia foi uma figura muito presente no âmbito político¹⁹ do Brasil; “E com ela aprendemos outros modos de pensar a diáspora africana, sintetizada em sua proposta da categoria *amefricanidade* para definir a experiência comum dos negros nas Américas.”²⁰.

[...] ele é uma América Africana, cuja latinidade, por inexistente, teve trocado o *t* pelo *d* para, aí sim, ter o seu nome assumido com todas as letras: *Améfrica Ladina* [...] Enquanto denegação de nossa latidoamefricanidade, o racismo “à brasileira” se volta justamente contra aqueles que são o testemunho vivo da mesma (os negros), ao mesmo tempo que diz não ter o que fazer (“democracia racial” brasileira). (GONZALEZ. 1988, p. 69.).

No trecho, Lélia nos apresenta a noção de *ladinoamefricanidade* e recorre a explicações de conjuntura históricas e psicanalíticas para dar base a tal episteme. No próprio termo *ladinoamefricanidade* já é possível identificar as intersecções que atravessam o território amefricano, e a própria população, em termos de formação cultural étnico-racial. Traz seus argumentos a partir da noção linguística dos idiomas

¹⁶ OYEWÙMI. 2004, p. 9.

¹⁷ Bacharela em filosofia, ciências e letras; licenciada em história e geografia. Intelectual e militante política, atuante dentro e fora de espaços acadêmicos. Para entender suas obras é preciso contextualizar sua produção a partir de sua própria “escrevivência” (Conceito baseado nas obras da escritora Conceição Evaristo.). Suas escrevivências, na busca de humanizar as sujeitas que escrevem sobre elas próprias. Em contraponto a velha tática científica ocidental que assume e pressupõe subjetividades, as escrevivências são as próprias subjetividades falando por si e para si.

¹⁸ Segundo Lélia “reproduz e perpetua a crença de que as classificações e os valores da cultura ocidental branca são os únicos verdadeiros e universais. Uma vez estabelecido, o mito da superioridade branca comprova sua eficácia pelos efeitos de estilhaçamento, de fragmentação da identidade étnica por ele produzidos.” (GONZALEZ. 1986, apud BAIROS. 2000, p. 3.).

¹⁹ Lélia participou ativamente da fundação do Movimento Negro Unificado, em 1978. Lélia, até metade dos anos 80, teria sido a militante acadêmica negra que mais participou de seminários e congressos internacionais dentro e fora do Brasil.

²⁰ BARRIOS. 2000, p. 6.

que foram assimilados e transformados pelos colonizados, e sua dificuldade em reconhecer, devido à lógica de branqueamento. É evidente, no trabalho de Lélia, a relevância da Diáspora²¹ africana para suas concepções. Renunciando assim a noção colonizadora, e imperialista, que determinou e caracterizou a América Latina como terceiro mundo. Na citação a seguir Lélia defende a utilização destes termos:

Por tudo isso, e muito mais, acredito que politicamente é muito mais democrático, culturalmente muito mais realista e logicamente muito mais coerente, identificar-nos como *americanos* [...] Então, por que não abandonar as reproduções de um imperialismo que massacra não só os povos do continente, mas de muitas outras partes do mundo e reafirmar a particularidade da nossa experiência na AMÉRICA como um todo [...] (GONZALEZ. 1988, p. 79.).

Da mesma forma, nós mulheres não-brancas, fomos “faladas”, definidas e classificadas por um sistema ideológico de dominação que nos infantiliza. [...] suprime nossa humanidade justamente porque nos nega o direito de ser sujeitos não só do nosso próprio discurso, senão da nossa própria história. (GONZALEZ. 1988, p. 14.).

Lélia tece conexões entre as opressões de gênero e raça nesses trechos, é perceptível na escrita da autora a forma perversa de como um “sistema ideológico de dominação” torna as mulheres não-brancas invisíveis e retira a humanidade destas. Podemos observar isso também nas epistemologias feministas tidas como universais²².

[...] quadro das profundas desigualdades raciais existentes no continente, se inscreve, e muito bem articulada, a desigualdade sexual. Trata-se de uma discriminação em dobro para com as mulheres não-brancas da região: as afro-americanas e as ameríndias. O duplo caráter de sua condição biológica – racial e sexual – faz com que elas sejam as mulheres mais oprimidas e exploradas de uma região de capitalismo patriarcal-racista dependente. (GONZALEZ. 1988, p. 17.).

No trabalho *Racismo e sexismo na sociedade brasileira* de 1984, é visível a posição de Lélia perante o contexto brasileiro racializado e generificado. A iniciativa domesticadora, a transformação em corpos dóceis e, como Lélia define em sua obra, como infas – a posição colonizadora ocidental de ação para desqualificar as próprias

²¹ Ver: GILROY, Paul. *O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência*. Tradução: MOREIRA, Cid Knipel. - São Paulo: Editora 34; Rio de Janeiro: Universidade Candido Mendes, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2012 (2ª Edição).

²² Muitas destas ignorando os fatores étnicos-raciais, de classe, e gênero; escrevendo a partir de um sujeito único, não considerando locais que foram colonizados. Executando, de certa forma, uma colonização do pensamento.

identidades reivindicadas pela população negra – são as alternativas perversas de desumanização destes corpos por uma consciência social constituída pelo racismo. O branqueamento também é recorrente na escrita de Lélia por sua própria experiência. A autora contribui para o entendimento de que apenas olhando para si, seus assujeitamentos, e experiências vividas será possível a apreensão e compartilhamento para semelhantes dessa consciência sistemática e interseccional das prerrogativas discriminatórias.

Mas é justamente aquela negra anônima, habitante da periferia, nas baixadas da vida, quem sofre mais tragicamente os efeitos da terrível culpabilidade branca. Exatamente porque é ela que sobrevive na base da prestação de serviços, segurando a barra familiar praticamente sozinha. (GONZÁLEZ. 1984, p. 231.).

Nestes trechos, Lélia aprofunda a noção de neurose²³ cultural brasileira, que seriam modos de comportamento que visem esquecer sintomas, que neste caso caracterizam-se pela ausência²⁴ da ideia de interseccionalidade. Portanto, a sociedade brasileira lida com as subjetividades de forma asséptica e objetifica os corpos. A consciência dessas opressões sistemáticas através do olhar atento, torna cada vez mais evidente as imbricações que possuem. Nesse contexto, de tomada de consciência, promove a frente das problematizações de mulheres negras brasileiras. Com essas definições e ponto de vista, a autora nos provoca a repensar termos e epistemologias²⁵ que regem e formulam as nossas realidades enquanto *americanos*.

Conclusão

Foi possível perceber o quanto são relevantes análises que partem dos próprios locais os quais são explanados nas teorias. A experiência dos saberes fica muito evidente, e perpassa ambas as percepções de gênero, africana e amefricana. Diferentes

²³ Lélia utiliza várias categorias a partir de sua leitura da psicanálise.

²⁴ A categorização e separação de ações de opressão, como já compreendemos ao considerar interseccionais as opressões, na realidade agem em conjunto e sem hierarquia entre elas, moldando estruturas sociais brasileiras.

²⁵ “Lembramos que a validade de um conceito ou uma categoria analítica está diretamente ligada a uma teoria. [...] No caso da amefricanidade, a mesma deve ser pensada dentro das ideologias de libertação africanas e afro-diáspóricas. [...] Elaborando uma filosofia própria, enraizada em seu contexto histórico e social que sofria transformações profundas com o processo de descolonização pelo qual passavam vários povos africanos.” (BARRETO. 2005, p. 48-49.).

lugares e temporalidades, com reivindicações semelhantes perante a visão moderna ocidental do conhecimento. De forma introdutória, apontamentos foram feitos e mais dúvidas durante a escrita foram surgindo. Por esse fato, é notória a importância em se pensar pra além de uma lógica colonizada e imperialista, que atende a opressões – nas formas do racismo, elitismo, sexismo e lgbtfofia – que categorizam e subjagam grupos de indivíduos. É importante entender como a interseccionalidade de opressões, age perante a escrita das intelectuais apresentadas nesta pesquisa, e como tais teorias e apontamentos convergem²⁶, mesmo tratando-se de diferentes realidades. As teorias aqui revisitadas demonstram desacordo com a forma de concepção universal da sujeita mulher, criadas a partir dos feminismos brancos ocidentais²⁷. Ficou perceptível a aproximação das teorias aqui trabalhadas ao pensarem sobre suas experiências trazidas nas próprias escritas, como aspecto de conhecimento. Acredito que a partir das considerações aqui feitas o campo das teorias feministas pós-coloniais e decoloniais possa tornar-se cada vez mais amplo e diverso, e que tais teorias e suas discussões sejam mais recorrentes em meios acadêmicos e não-acadêmicos.

Referências

CIRNE, Michelle. A produção necessária das intelectuais feministas africanas no campo dos estudos de gênero e a agência do Codesria. In: *Revista África(s)*, v. 04, n. 08, p. 104-114, jul./dez. 2017.

FERREIRA, Renata Coutinho. O lixo vai falar e numa boa. – As possíveis relações entre feminismo negro norte-americano e a obra de Lélia Gonzalez. 2018. 47 f. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: *Revista Ciências Sociais Hoje*, Anpocs, 1984, p. 223-244.

_____. Por um feminismo afro-latino-americano. In: *Caderno de formação política do Círculo Palmarino*, Batalhas de ideias, n.1, 1988.

_____. A categoria político-cultural de amefricanidade. In: *Tempo Brasileiro*. Rio de Janeiro, Nº. 92/93 (jan./jun.). 1988b, p. 69-82.

OYEWÙMÍ, Oyèrónké. Conceituando o gênero: os fundamentos eurocêtricos dos conceitos feministas e o desafio das epistemologias africanas. Tradução para o uso didático de: OYEWÙMÍ, Oyèrónké. *Conceptualizing Gender: The Eurocentric*

²⁶ Aqui se pensamos em termos de justiça social.

²⁷ Acaba por reproduzir os pilares tão criticados pelas próprias: a criação de um sujeito único e atemporal.

Foundations of Feminist Concepts and the challenge of African Epistemologies. African Gender Scholarship: Concepts, Methodologies and Paradigms. *CODESRIA Gender Series*. Volume 1, Dakar, CODESRIA, 2004, p. 1-8 por Juliana Araújo Lopes.

Recebido em Maio de 2018

Aprovado em Agosto de 2018

Revista
Diver  **idade**
e Educação